



DANÇA DOS POVOS DA RUSSIA-MENOR.

A PORÇÃO dos domínios do Czar, denominada por alguns geographos Russia-menor, comprehende os quatro governos de Kief, Tchernigof, Poltava, e Kharkof, aos quaes podemos juntar os de Podolia e Volhynia, provincias que foram outrora polacas, mas povoadas pela maior parte de gente da mesma origem dos habitantes da Russia-menor, e sectaria do culto grego: circumstancia esta mui importante porque facilitou as invasões dos russianos no territorio da antiga republica de Polonia. A classe inferior do povo destas provincias abandonou sem difficuldade os senhores polacos, e recebeu sem repugnancia tropas que fallavam um idioma mui semelhante ao seu: ficou portanto a nobreza só em campo, para defender possessões na verdade muito antigas, mas que estavam tão nacionalizadas como nos primitivos tempos da conquista.

A Russia-menor e a Ukrania polaca contem nove milhões de individuos de população, quasi igual. TOM. IV. FEVEREIRO 22. — 1840.

mente distribuida por ambas as margens do Dnièper, o *Borysthènes* dos antigos, que na extensão de curso é o terceiro rio da Europa. Os habitantes da Russia-menor, assim como uma grande parte dos subditos do autocrata, conservaram por muito tempo diversas praticas do gentilismo de mistura com as ceremonias do rito grego; e ainda hoje são nimiamente supersticiosos. As suas festas populares constam pela maior parte de danças e cantorias; porque, apesar da servidão, e da aspereza do clima, raros povos haverá na Europa mais apaixonados destes folguedos do que o povo russo. É uma scena por extremo comica qualquer dos seus bailes d'aldea, em chão plano e á sombra de carvalhos antigos: a mesquinha orchestra azoia os ouvidos com a chiada d'uma rebeca aspera e o sussurro d'uma guittarra destemperada, a cujos sons desharmonicos pulam no terreiro, fazendo tregeitos e visagens, os mancebos do logar, e em seus ternos separados dos



homens as raparigas; formam roda os anciãos presenciando, encostados a seus bordões, os brinquedos da mocidade; e as matronas chegam-se para os tocadores, como para se recrearem com a incessante parodia da musica, intoleravel para quem não pertencer ao gremio daquella pobre gente.

NOTICIA DA EMBAIXADA QUE FOI DESTE REINO aos dominios d'elrei de Marrocos no anno de 1773, sendo embaixador José Rolim Wan Deck, extrahida da que deixou inedita o P.<sup>o</sup> João Baptista Marques de Carvalho, capellão da mesma embaixada.

No dia 30 de Setembro de 1773 nos fizemos á vela na fragata *Nossa Senhora da Nazareth*, e com tão feliz successo que parecia nos estava esperando um vento norte para em tres dias haver-mos vista do cabo de Cantim e em cinco do porto de Mogador. — O ministro plenipotenciario, depois de mandar publicar um bando para que nenhuma pessoa da sua comitiva offendesse ou violentasse algum vassallo d'elrei de Marrocos, sob pena de morte, enviou dois mensageiros ao governador da terra, a dar parte da nossa chegada. Pelas 3<sup>1</sup>/<sub>2</sub> da tarde duas embarcações pequenas demandaram a fragata, e nellas vinham mouros, que subiram acima e correram o nosso navio com a sua ousadia costumada. O ministro mandou que destes ficassem dois mais praticos do porto, mas no entanto levantou-se um nordeste, que nesta costa, segundo dizem, reina nove mezes no anno, totalmente contrario ao desembarque. O vento soprava enfurecido; o ar pallido e a braveza das ondas davam signal de grande ruina se alli nos demorassemos; pelo que nos fizemos ao mar, e o temporal durou até o dia 11 de Outubro.

No dia 13, apezar da nevoa, vimos a fortaleza de Mogador, e depois da salva reciproca, veio a nosso bordo o capitão do porto, ricamente vestido, acompanhado por muitos marinheiros e um preto que trazia arvorado o estandarte; e dirigiu-se á camara a communicar ao ministro as ordens do seu soberano.

No dia 14, concluido o nosso desembarque, tanto dos fardos como da gente, entrou o ministro no escaler; porem sciente de que a ordem d'elrei de Marrocos era para que a fortaleza lhe desse uma salva de 50 tiros de peça, como viu que os mouros a não cumpriam, recusou saltar em terra sem que lhe tributassem aquellas honras: o que chegando ao conhecimento do bachá Benàmeran respondeu que mandaria salvar não só com 50 tiros mas com 300.

Teve o ministro de andar duas horas no mar, sofrendo um calor excessivo em quanto se preparava a salva. Eram duas horas da tarde quando sahiu do escaler. Alli lhe estava preparado um soberbo cavallo para elle montar. O referido baxá o saudou montado em outro cavallo, signal demonstrativo de ser entre os mouros pessoa de grande qualidade; aliás o receberia de pé. Já na praia estavam mouros immensos, negociantes, estrangeiros, hebreus velhos e moços para o acompanhar até ao abarracamento. Duas dilatadas fileiras deram suas descargas. A cavallaria, que chegaria ao numero de 200, depois de se recolher o ministro fizeram o seu costumado jogo da polvora, e divididos em dois esquadrões, em larga distancia, partiam á desfilada quatro ou seis, e chegando proximos aos fingidos contrarios disparavam as espingardas com a maior ligeireza. Assim gastaram o espaço de meia hora sem que algum cabisse, apezar da velocidade com que corriam. Acabado o brinco foi o baxá á barraca do ministro receber as

suas ordens, e intimar-lhe o quanto gostava o seu soberano da sua chegada.

Logo um hebreu thesoureiro nos pediu uma relação de quanto necessitavamos para o nosso sustento, que sem demora o administraria, sem dispendio algum d'elrei de Portugal. A primeira meza era magnifica e deliciosa pela diversidade de iguarias. Elrei mandou um dos seus proprios cozinheiros para nos assistir: fazia elle um prato de cuscús bem delicado, de que summamente gostava o ministro. Aos soldados e marinheiros nada faltava para seu passadio.

No dia 17 veio o baxá Benàmeran, seguindo-o um mouro, que trazia á mão um soberbo cavallo, que mandou offerecer elrei de Marrocos ao ministro, o qual o remetteu para Lisboa: a nossa tropa apresentou as armas.

No dia 18 foi convidado o ministro para se ir divertir a uma quinta d'elrei, distante de Mogador uma legua; e por fazer obsequio áquelle monarcha accitou o convite. Pelas dez horas se metteu na liteira, acompanhado d'alguns soldados e pessoas graves, e chegando á quinta o conduziram para uma barraca aonde elrei costuma descansar quando vem áquelle sitio. Pediram-lhe os mouros quizesse alli jantar; o ministro apezar da sua grave molestia não recusou a mercê. Constava o dito jantar de diversas iguarias, gallinhas, carneiros, vitella, pasteis, e deliciosas romans: cosinhado sim, e comido á maneira africana, no chão, sem garfo nem colher, comendo todos em um prato. Na retirada os soldados mouros que nos acompanharam, antes de chegar ao abarracamento, rogaram ao ministro quizesse parar para ver jogar a polvora, cujo brinco fizeram com o maior contentamento e alegria; até os mesmos baxás, não obstante serem já adiantados em annos, corriam com uma ligeireza incrível. A quinta não tinha em si cousa notavel, antes este nome lhe é improprio, pois constava de um bocado de horta, cercado de um alto canavial, o mais eram dilatados montes, e com tudo isto é a cousa mais mimosa que tem a cidade de Mogador, e daqui levam a agua para beber.

No dia 19 teve o baxá da terra uma recommendação d'elrei, para que em tudo fizesse a vontade ao ministro, e obrando o contrario a sua cabeça seria responsavel por todas as faltas.

No dia 22 recebeu o commandante da fragata varios refrescos, um grande numero de bois, carneiros, gallinhas, frutas e farinhas, tudo á custa d'elrei de Marrocos.

No dia 26 chegou de Marrocos Manuel de Pontes com quatro cavallos, e ordem para o baxá de Mogador comprar quatro camellos, e remette-los a elrei de Portugal.

Amanheceu o dia 28, em breve tempo se desarmaram todas as barracas, excepto a do ministro; logo vieram chegando mulas e camellos que haviam de conduzir todo o trem. O baxá Benàmeran tomou os nomes daquelles mouros que levavam as cargas, insinuando-lhes que a sua cabeça havia de corresponder em Marrocos pela minima cousa que faltasse aos christãos. Eram dez horas quando se deitou por terra a barraca do ministro. Seria vistosa a nossa sahida se a enfermidade do ministro permittisse demora; porem como elle não podia estar muito tempo exposto ao ardente calor que naquelle dia fazia, mandou que lhe preparassem a liteira, feita de proposito para ir deitado, e quiz ir sabindo adiante de tudo. A fortaleza o salvou com cem tiros. Muitos mouros vieram ver a partida, mostrando-se sensiyelmente amorosos. A sahida de Mogador é la-



boriosa, porque duas leguas de caminho é todo de arêa miuda que o vento move ao seu arbitrio, e fórma serras tão altas como as dos montes. Por isso os arredores de Mogador são pouco agradáveis e infructíferos. Este paiz seria inhabitavel, se elrei moderadamente não quizesse que os negociantes o povoassem, e que alli houvesse porto de mar. Passado o caminho da arêa, seguiram-se asperos e extensos mattos, sem povoação alguma até chegarmos ao arraial aonde havíamos de pernoitar, o qual era um campo plano e largo, cercado de uma especie de arvores, a que chamam arganas, com uns espinhos agudissimos; do seu fructo fazem os mouros azeite de que se servem ordinariamente. Nesta noute não se armou barraca alguma mais que a do ministro, por chegarem tarde os camellos que as traziam. Logo o alcaide de Baxabilá, povoação a mais proxima, veio acompanhado de alguns mouros a visitar o ministro, lisongeando-o com suas gallinhas e carneiros, para satisfazerem a ordem que tinham do seu monarcha, para que, onde quer que parassemos ou dormissemos, os logares circumvisinhos nos administrassem quanto nos fosse necessario.

No dia 30 ao tocar da alvorada foram sabindo as cargas, primeiramente a cosinha e a copa. O ministro partiu pelas sete horas e meia com a mais comitiva: fomos descansar a uma quinta d'elrei, chamada Lagecarrú, plantada de muitas oliveiras, figueiras e arvores de espinho.

Pelas duas horas partimos. Muitos mouros nos sahiam ao caminho, unicamente para ver e admirar. Continuámos sempre a ver as mesmas arvores bravas, e fomos dormir a um campo planissimo e fertil de aguas. Proximo a elle corria uma ribeira cercada das maiores figueiras como nunca vi. Os habitantes daquellas montanhas nos presentearam com um boi, de que nos não utilisámos por ser dia de jejum.

Pelas duas horas da tarde marchámos, e andando uma pequena distancia de caminho vimos uma eminente e dilatada serra toda cuberta de neve, a qual dizem alli jaz todo o anno, e daqui foram duas cargas para o ministro beber em Mogador. Tem esta serra de extensão mais de 300 leguas, de sorte que atravessa os reinos de Tripoli e Tunes. Nesta tarde andámos pouco por causa do excessivo calor, e fomos pernoitar a um campo, que os mouros chamam Arrasádmia, sem sombra alguma. Aqui tivemos recommendação do baxá para que fizéssemos pouco motim, pela fama de uma multidão de ladrões atrevidissimos que habitavam nestas montanhas. Neste mesmo largo medisseram que duas provincias deram uma sanguinolenta batalha sobre a possessão de varias terras, aonde morreram mais de cento e tantos homens. Os vencidos são obrigados a deixarem a sua habitação e a retirarem-se para as montanhas. Destes a maior parte são ladrões finissimos. Elrei remetteu uma carta ao baxá commandante, em que lhe agradecia o não se embarçar, como o capitão e o baxá de Mogador, com o embarque dos cavallos que iam para Portugal. Aquelles, [dizia elrei na dita carta] mereciam ser castigados gravemente, por duvidarem da licença que tinham os portuguezes para embarcarem os cavallos que eu offerecia a elrei D. José, a quem tanto venero.

No dia 1.º de Novembro se disse missa pelas quatro horas, e pelas seis se levantou o arraial, e marchámos pela fórma costumada: as terras por onde caminhámos eram admiráveis, planissimas, e bem proprias para darem todos os generos se as cultivassem. Pelas duas horas da tarde, depois de termos descaçado em um campo desabrido, sem sombras

nem aguas, partimos continuando a ver a mesma planicie; ao longe se viam algumas povoações pouco numerosas; nellas o que mais luzia eram as mesquitas ou capellas dos seus pretendidos sanctos. Chegámos ao sitio aonde havíamos de dormir, chamado Xixòan, pelas cinco horas. Proximo ao acampamento corria uma ribeira fertil de aguas, e aprazível pelas frescas sombras de muitos cedros.

No dia 2, attendendo o ministro á gravidade da sua molestia, resolveu querer descansar e não fazer jornada naquelle dia. Toda a comitiva gostou muito pelo delicioso logar, para o que concorreu elrei mandando-nos duas cargas de uvas e romans admiráveis pela grandeza e doçura.

No dia 3 ao tocar da alvorada continuámos a marcha, e algumas pessoas da comitiva se desviaram do caminho pela curiosidade de verem innumeráveis perdizes, coelhos e lebres, e muita variedade de passaros, de que estas terras são abundantes. Pela uma hora achámos a barraca do ministro armada em o sitio denominado Aretuze, com pouca agua. Alli passámos o resto da tarde laboriosamente, por causa do extremo calor, e sem sombras.

No dia 4 pelas seis horas partiu todo o trem; passados poucos passos vimos muitas cabanas juntas feitas de matto e de mantas negras. Alguns da comitiva se encaminharam para ver as ditas cabanas; os mouros porem imaginando que iam com o intento de offender suas mulheres pegaram em pedras para atirar. Logo sahiram tantos debaixo das palhoças como mosquitos parecendo levantados contra nós. Os soldados mouros que nos acompanhavam, tanto que nos viram insultados, acudiram com a maior diligencia com as espingardas encaradas contra os habitantes, prenderam o primeiro motor com animo de o levar á presença do baxá, e se nós lhe não pedissemos que o soltasse seria asperamente castigado. Neste dia, ao meu parecer, andámos pelas melhores terras de Africa; por ellas andavam pastando infinitos rebanhos de gado miudo e grosso. Pelo meio dia descansámos junto de um pomar d'elrei aonde não era licito entrar, porque no meio d'elle estava uma capella d'um sancto mouro. As duas horas partimos; passado pouco tempo vimos outra quinta de um tio d'elrei, aonde andavam muitas eguas e potros de criação. Tambem passamos por um rio aonde elrei costuma mandar buscar agua para beber, por ser gostosissima. Aqui pertendia pernoitar o ministro; mas como os mouros tem mau gosto elegeram um sitio aspero e sem aguas.

No dia 5 depois de todos, sahiu o ministro, e fomos descansar d'alli a uma quinta d'elrei, plantada por Manuel de Pontes e outros captivos. Aqui determinou o baxá que não partiríamos para Marrocos sem permissão do seu soberano. O ministro deu ordem que soldados e mais comitiva se preparassem com todo o aceio. Pelas quatro horas veio de Marrocos o filho do baxá, acompanhado de muitos mouros, com a licença para no dia seguinte entrarmos na côrte.

Amanheceu o dia 6. Manuel de Pontes partiu primeiro com alguns barraqueiros e todas as cargas, acompanhadas de marinheiros. Pelas 9 horas partimos pela mesma ordem, e depois de andarmos um quarto de legua mandou elrei um postilhão para que fizéssemos vir ao caminho todos os potros de criação, para os ver o ministro. O primeiro rebanho eram mais de cem, uns de anno, outros de seis mezes. Logo mais adiante fizeram que atravessasse o caminho outro grande rebanho de potros, uns de dois, outros de tres annos, todos de S. M. Como daqui a Marrocos era uma breve distancia de caminho, de quando



em quando nos vinham esperar soldados mouros, os quaes juntos com os que nos acompanhavam, e formados em duas fileiras por aquelles largos campos, causavam uma agradável vista; e continuamente iam jogando a polvora. Neste dia mandou o rei, que todas as lojas de negociantes e artes fabris se fechassem, que em fim o que fosse seu vassallo fiel o acompanhasse no gozo da recepção do embaixador de Portugal. Todos os cidadãos observaram escrupulosamente a ordem promulgada. Os que tinham bestas vinham a cavallo; velhos, moços, ricos e pobres vieram esperar o ministro. Aquella vasta planicie, até onde podiam chegar os olhos, se via cuberta de um numero consideravel de mouros, mostrando summo gosto, e dizendo estas palavras — *Labarca Amarsid* — que em o nosso idioma querem dizer *Deus augmente os dias da vida ao nosso soberano*. Antes que entrassemos na cidade o ministro se metteu na liteira, os soldados se formaram, todos se puzeram por sua ordem. Aqui eram tantos os tiros, que nada se via nem ouvia. Os mouros se deixavam pizar dos caval-

los com alegria de ouvirem a nossa agradável musica. Passadas duas grandes portas nos conduziram para uma grande quinta, ou para dizer melhor, pomar do rei, plantado por Manuel de Pontes no tempo do seu captiveiro, o qual contem immensas e diversas arvores, isto é, lorangeiras, cidreiras, limoeiros, figueiras, romeiras, oliveiras, e outras mais, cercado de um alto muro. Proximo a elle se armou o abarracamento, e houve recommendação para que nenhuma pessoa da comitiva despegasse algum fruto daquelle pomar. Todos capricharam até o fim, de cuja exactidão se admiraram os mouros e até o mesmo rei. Pelas quatro horas nos mandou elrei um jantar da sua propria meza.

No dia 7, domingo, cuidaram todos em dar graças ao Altissimo, porque até alli tivemos bello tempo, ainda que calido. Pelas quatro horas se formou uma espantosa trovoadá, neste paiz mui frequentes, que finalisou com uma chuva grossa, a qual se é perduravel deita as tendas por terra.

(Continuar-se-ha).



PALACIO E BASILICA DE MAFRA.

Se o real Mosteiro da Batalha é, como deixamos dito a pag. 9, o brazão da architectura gothica neste reino, o sumptuoso Palacio e Basilica de Mafra é obra não menos dispendiosa e magnifica, no estylo da architectura italiana e classica. Podemos affoutamente affirmar que destas duas escholas, tão oppostas no gosto e fórmás, possui Portugal dois ricos e grandiosos modelos. O viajante que entra pela foz do Tejo, depois de ter admirado a formosa perspectiva da capital, depois de se recrear com as lindas e variadas paizagens de Cintra, não se esquece de ir ver Mafra, assim como dahi a dias vai visitar a Batalha. Não é pequena gloria para o nosso reino appresentar á contemplação dos estrangeiros dois famosos monumentos da arte, não só d'epochas differentes, mas d'encontrados estylos. Ambos foram fundados em cumprimento de solemnes votos;

o de D. João 1.<sup>o</sup>, em 1385, pelo feliz successo das armas portuguezas, nos deixou a *Batalha*; e o de D. João 5.<sup>o</sup>, feito pouco mais de tres seculos depois, em 1711, para alcançar successão á coróa, produziu o paço e o cenobio de Mafra. Pena é que para o descrever-mos não possamos aproveitar-nos, como a respeito do primeiro fizemos, das elegantes frases de Sousa; mas emfim poremos a singela verdade, já que não podemos espargir em nossa descripção as graças e flores do estylo.

A tres leguas de Cintra, e a cinco de Lisboa está a villa de Mafra, e n'uma extensa assentada, 681 pés acima do nivel do mar, ao oriente desta povoação, avulta o soberbo edificio de que tratamos agora, cujo plano é um quadro quasi regular de cem braças de lado. A frontaria principal, que deita para a parte do Poente, e tem diante um espa-



goso terreiro, apresenta tres grandes corpos; no meio o frontispicio do templo; continuando para o sul a parte do palacio, denominada *residencia da rainha*, e para o norte a outra parte, *residencia do rei*, ambas de quatro pavimentos, coroados d'espessos terrassos, e rematando cada uma em seu angulo extremo do edificio n'um magnifico torreão. Estes dois torreões sobem acima do plano dos terrassos 100 palmos, e teem de quadro a oitava parte da grandeza da frente; são de cantaria optimamente trabalhada: as suas bases são em talud ou jorramento, e cercadas de fossos com 16 palmos d'alto; as paredes principiam com 20 palmos de grossura do alicerce para cima.

Contam-se 120 palmos d'elevação até a platabanda dos terrassos; e os corpos que se erguem acima destes em toda esta frontaria principal, alem dos dois torreões, são o zimbório, e as duas torres lateraes da igreja. Estas ultimas, que são de formosa fabrica e ousada projecção, crescem sobre o plano dos terrassos 194 palmos; são inteiramente de cantaria, como todo este templo magnifico, e rematam cada uma em sua cruz de ferro, que sobe alem da ultima pedra da cupula 33 palmos. Cada cruz com seus ornatos peza 226 arrobas. Para que se faça idéa da construcção das torres, e da enorme quantidade de metaes que encerram, descreveremos uma, por em tudo serem semelhantes (\*). O grande varão de ferro que enfia a cruz e seus ornatos accessorios passa ao interior da cupula, onde o segura uma forte porca de bronze, encostada sobre uma larga chapa de ferro, a qual repartindo-se em quatro fachtas que descem pelos quatro cantos da cupula, vai dar n'uma grade de ferro, que liga o corpo quadrado da torre, sobre que assenta a cupula: sobre a grade e n'uns valentes caxorros de bronze descança uma grande trave de ferro de 20 palmos de comprido,  $1\frac{1}{2}$  de alto e  $\frac{3}{4}$  de largo, dividindo ao meio o alto da torre: nesta trave está suspenso o sino das horas, o qual tem de pezo 200 quintaes: logo por baixo, distancia de algumas pollegadas, fica um andaime de grossas traves de madeira cavilhadas, chapeadas de ferro, e farradas de chumbo, e em seguida estão collocados os dois sinos dos quartos, pendentos de uma trave igual á primeira. Cada sino tem seu martello proporcionado; o martello das horas peza cinco quintaes. Puxam por estes martellos tres grossos fios d'arame, que atravessam os andares das torres, e acabam no mais inferior, onde prendem no admiravel jogo dos relogios; por baixo dos sinos dos quartos estão collocados em quatro ventanas mais seis sinos, distantes entre si pelas bordas inferiores dez palmos: os fios d'arame que puxam os tres martellos das horas e dos quartos, passam encostados a um angulo da torre, distando cinco palmos dos dois sinos que lhe ficam ao lado. Os nove sinos deste andar superior de cada uma das torres, com as duas traves, chapa, cruz da cupula e seus ornatos, pezam juntamente 4:500 arrobas de metal. O segundo andar é um complicado tecido de sinos, badalos, martellos e arames. Os sinos são 48, distribuidos pelas ventanas, e internamente sustentados por grossas traves de madeira chapeadas. O maior peza, afóra as ferragens e a porca, 666 arrobas; todos os mais diminuem gradualmente em volume e pezo, segundo é preciso para produzirem a consonancia com que soam, quando tocam os relogios e os carri-

lhões: nos diferentes jogos destes prendem arames de latão de varias grossuras, que puxam pelos badalos dos sinos, e por dois, tres, ou quatro martellos, na devida proporção do pezo daquelles. Os deste andar com suas ferragens, 144 martellos, alguns delles de muitas arrobas, mais de 200 arames, e infinidade de molas e chapas, pezam segundo o computo mais exacto 7:000 arrobas. De todos estes martellos descem arames, que vem prender nos papagaios ou teclas no jogo dos relogios, que assentam no andar inferior das torres, ao nivel dos terrassos. Este jogo, todo dos metaes, bronze, aço e ferro, quanto mais se examina mais se admira [diz o P.<sup>o</sup> Velho] até pela magnifica superfluidade de sua riqueza e ornatos. Toda a machina se move puxada por tres enormes pezos de chumbo, equivalentes a 650 arrobas, e que puxam tres grossos calabres de canhamo, descendo por duas calhas até ao inferior das torres. O pezo total do metal empregado no ultimo andar avalia-se em tres mil arrobas. Segue-se que cada uma torre encerra 14:500 arrobas de metal. Na do sul o mostrador do relógio marca as horas á moda portugueza, e na da parte do norte á moda romana, isto é, só com seis divisões na circumferencia. Os dois carrilhões das duas torres são de singular e custoso artificio; antes do relógio dar as horas ou os quartos tocam minuets e outras harmonias por solfa, de mui agradavel effeito: foram fabricados em Liege, e é fama que importaram, com o transporte e collocação, em tres milhões de cruzados.

Corre igualmente por tradição que tendo o monarcha fundador encommendado primeiro sómente um carrilhão com as dimensões e requisitos que desejava tivesse, lhe responderam com o preço accrescentando *que era obra muito rica e dispendiosa*, como quem inculcava que os recursos da coroa portugueza não supportavam tamanho dispendio. D. João 5.<sup>o</sup>, que sentiu offendido o seu amor-proprio, e julgou menoscabada a sua grandeza, replicou que, *visto ser a obra mais barata do que pensára, fizessem, em vez de um daquelles, dois carrilhões.*

Em tempo dos frades havia, destinados para tocar os sinos, vinte e quatro donatos sob o regimen d'um leigo; mas foram depois substituidos por moços no mesmo serviço.

Os dois lanços do palacio, lateraes da igreja, e que rematam nos torreões dos angulos, teem tres ordens de formosas janellas; as que correspondem ás do frontispicio do templo são de dezeseis palmos de altura.

Os dois soberbos torreões são em parte salientes: recebem claridade os quartos de que se compoem por meio de formosas janellas, e acabam em cupulas com claraboias ovaes de primoroso lavor. Nas casas subterraneas e pavimento terreo estão as cozinhas, as ocharias, e outras officinas com amplas accommodações.

A nobre perspectiva deste grande edificio realça-se com a vista do magestoso zimbório, que apparece entre as torres da basilica, coroado por uma cruz de bronze, a qual, com o varão de ferro que a sustenta e os ornatos accessorios, tem de pezo cincoenta quintaes. Delle trataremos com mais individuação quando descrevermos o interior do templo.

Ainda que fronteiro ao edificio está um terreiro, não mui pequeno, comtudo não permite que o angulo optico possa abranger bem as duas extremidades; pelo que nunca será bem fiel a perspectiva que for tomada de frente: esta a rasão por que as gravuras de Finden e Landseer, de que a nossa é copia exacta, como ellas o são do edificio, foram tiradas

(\*) Seguimos a noticia que serve d'introdução á Memoria ácerca dos raios, que em diversas epochas fizeram estragos no edificio de Mafra, escripta pelo conego regente, D. Joaquim d'Assumpção Velho, inserta no 1.<sup>o</sup> Tom. da Coll. in fol. da Acad. das Scienc.



de lado. Tambem o ser a nossa estampa fiel traslado daquellas desculpará o anachronismo de apparecerem os grupos de frades na proximidade do monumento. (Continuar-se-ha).

METHODO PARA AVALIAR A QUANTIDADE DE LIQUIDO QUE LEVA QUALQUER VASILHA.

O Sr. Dr. J. d'A. e Silva, proprietario nos districtos das Caldas e Cadaval, acaba de descobrir esta interessante operação, que muito util deve ser a todos os lavradores e proprietarios.

Quando a vasilha, tanto no diametro do espelho como no comprimento, consta de palmos completos, multiplica-se o diametro do espelho pela sua circumferencia [que deve conter tres diametros], e o seu producto se multiplica pelos palmos que tiver de comprimento. Este resultado se divide por cinco, e o que der no quociente é o numero d'almudes [medida de Lisboa] que a vasilha leva.

Exemplo.

Espelho ou tampo da vasilha no diametro. 3 palm. (1)  
Multiplicados pela circumferencia que são 9 "

Faz 27 "

Supponhamos o comprimento 6 " (2)

Produz  $162 \div 5$

32 alm.<sup>s</sup> 2 can.

Quando porem a vasilha, no comprimento ou no espelho, não tenha palmos determinados e completos, e tenha mais algumas pollegadas de diametro; estas se multiplicarão pelas da circumferencia, e o que produzir se multiplicará pelas pollegadas que tiver de comprimento. Repartir-se-ha este producto por 8; o que der se dividirá por 64; e o quociente que produzir se tornará a dividir por 5, cujo resultado é o numero d'almudes que a vasilha leva.

Exemplo.

Diametro 26 polleg.  
Circumferencia 78 "

Comprimento 2:028 polleg.  
48 "

$97:344 \div 8$

$12:168 \div 64$

$190 \div 5$

38 alm.<sup>s</sup>

N. B. O nosso socio e correspondente do Sanguinhal, P. Romeiro da Fonseca, que nos transmittiu as formulas acima, assevera ter, pela experiencia propria e de outros, verificado a exactidão deste methodo. Convidâmos os interessados na resolução d'um problema tão difficil a verificar por novas experiencias, em vasilhas de todas as dimensões, um methodo de o resolver, que ao mesmo tempo é tão facil e prompto.

(1) Os palmos devem ser de marca.

(2) Deve ser medido o comprimento por um cordão, e não por uma regua, que marca a linha recta, e não a abobada da vasilha.

MARINHA PORTUGUEZA ATE O REINADO DE D. FERNANDO.

DESDE o berço da monarchia portugueza a marinha constituiu parte da força militar do estado. Daremos portanto abbreviada noticia da nossa historia naval, que os nossos leitores acharão desenvolvida no 1.º tom. dos *Annaes da Marinh. Portug.*, recentemente publicado pela Academia.

Posto que os nossos historiadores não fallem dos armamentos navaes do conde D. Henrique, e de seu filho elrei D. Affonso Henriques; comtudo, é evidente que estes dois principes armaram algumas galés para defenderem as costas maritimas de seus domínios, que deviam ser de continuo infestados dos mouros da Barberia, e dos que occupavam a maior parte do littoral da Peninsula. Qual fosse a força dessa marinha, e o systema do seu governo, é bastante incerto, e bem difficil de indagar.

A primeira acção naval que encontramos em nossas historias, dada pelos portuguezes, foi no anno de 1180. Andava interceptando as communicações maritimas de Lisboa uma esquadra mourisca; e para a assustar ou aniquillar mandou elrei D. Affonso Henriques apromptar as embarcações que pôde, cujo commando entregou ao famoso D. Fuas Roupinho, um dos mais esforçados cavalleiros daquelles tempos; o qual encontrou os inimigos em Julho do mesmo anno junto ao cabo d'Espichel: atacaram-se as duas esquadras, abordando-se valorosamente as galés; e depois de rijo combate foram tomadas e trazidas a Lisboa todas as galés dos mouros, e morto o seu almirante ou commandante.

Segunda e terceira vez sahiu ao mar o destemido D. Fuas Roupinho, sendo a ultima em 1182, com 21 galés; e sobrevindo-lhe um temporal na costa do Algarve, foi obrigado a entrar pelo Mediterraneo, e a 17 de Setembro se achou defronte de Ceuta, na presença de uma armada de 54 galés, que os mouros de antemão haviam reunido para lhe irem sahir ao encontro. Apesar da immensa desigualdade das forças travou D. Fuas a peleja, que foi renhida e desesperada; mas sendo a fortuna adversa aos portuguezes, tiveram de succumbir com a morte de seu inclito general, e perda de 11 galés, salvando-se as restantes como prova decisiva de que os vencedores ficaram tão derrotados que não as poderam perseguir.

Elrei D. Sancho 1.º uniu á armada dos cruzados, que convidou para a conquista de Silves, em 1188, quarenta galés e galeotas, com grande numero de transportes de viveres e munições.

Apenas se encontra de D. Affonso 2.º a empreza d'Alcacer do Sal, em que não é de suppor deixassem d'entrar alguns vasos de marinha portugueza juntamente com os estrangeiros, que auxiliaram a tomada desta villa.

O infeliz D. Sancho 2.º empenhou todas as suas forças de mar e terra no cerco e tomada d'Ayamonte em 1240. Quaes fossem essas forças de mar, não podemos descobrir: é certo porem que este principe não se descuidou da marinha, pois em seu tempo existia em Lisboa o arsenal della, pelo sitio da Ribeira Velha, cuja fundação se ignora se foi d'elle, ou d'algun de seus antecessores.

Tambem não se tem podido averiguar qual fosse a força maritima, que elrei D. Affonso 3.º empregou nas suas expedições de Faro em 1259, e jornada de Sevilha em 1266. Em seu tempo porem já em nossas *taraxenas* se construiam grandes navios, como se prova pela doação que no anno de 1260 fez este mesmo rei d'uma propriedade de casas ao cons-



tructor João de Miona, por lhe haver construído uma nau.

Creou elrei D. Diniz estabelecimentos navaes nos principaes portos do reino, e fez plantar o pinhal de Leiria, adquirindo em seu tempo grande melhoramento a construcção dos navios redondos, introduzindo-se muita regularidade e boa ordem no serviço e disciplina marítima. Nomeou tambem almirante do reino, de juro e herdade, a Manuel Paçanha, fidalgo genovez, de grande reputação e experiencia no serviço naval, por carta do 1.º de Fevereiro de 1222.

D. Afonso 4.º deu-se com todo o cuidado á marinha e ao commercio, que a alimenta. Conservou-se sempre uma esquadra de guarda costa, de 3 galés e 5 navios grandes, para protecção do commercio marítimo, que então era grande, sendo o principal as pescarias, não só em os mares das nossas costas, mas ainda nas estrangeiras. Em seu tempo celebraram os pescadores de Lisboa e Porto um tratado com Duarte 3.º, rei d'Inglaterra, para pescarem nas costas deste paiz, e nas das provincias de França que delle dependiam.

Em 1336 deu elrei o commando d'uma esquadra de 20 galés, guarnecidas com dois mil homens, a Gonçalo Camelo, que sahindo de Lisboa no fim de Agosto, fez algumas excursões na Andaluzia, em que não foi bem succedido. Por varias vezes se uniu o almirante, Manuel Paçanha, com a esquadra portugueza [nunca menor de 10 galés] á castelhana, aragoneza e genoveza, para se opporem ás invasões que o rei de Marrocos fazia pela Hespanha.

No reinado de D. Pedro 1.º só damos noticia de duas expedições navaes, em consequencia d'um tratado com D. Pedro de Castella para o ajudar contra outro D. Pedro d'Aragão, com uma esquadra de 10 galés, pagas á sua custa por tres mezes. Foi a primeira em 1359, e a segunda em 1364, commandadas ambas pelo almirante Lancerote Paçanha (\*).

Ainda que, no reinado de D. Fernando, Portugal rapidamente declinasse da sua prosperidade interior, não se esqueceu este monarcha do augmento das construcções navaes no reino. Ordenou que os portuguezes, que construissem navios de 100 toneladas para cima, podessem cortar nas matas reaes, e conduzir a Lisboa as madeiras e mastros que quizessem, sem pagarem cousa alguma, nem mesmo os direitos dos materiaes que viessem de fóra. — Que não pagassem direitos alguns de navios feitos, que comprassem ou vendessem. — Que aos proprietarios dos navios de primeira viagem, que sabissem carregados de Portugal, se perdoassem os direitos das mercadorias que levassem, de qualquer natureza que fossem, ou suas ou alheias; e que se lhes abatesse metade dos direitos de toda a quantidade de generos, que da primeira torna-viagem trouxessem de portos estrangeiros para Portugal, ou os generos fossem seus ou alheios. Creou uma companhia de segurança naval, que talvez fosse a primeira desta especie que appareceu na Europa. Igualmente creou o posto de capitão-mór da frota, que parece governava só tudo quanto era relativo aos navios d'alto bordo; ficando competindo ao almirante o commando das galés. O primeiro que occupou aquelle cargo foi Gonçalo Tenreiro, que com elle já vem denominado na carta de mercê que elrei lhe fez d'Alger, sua ribeira, e outras terras, em remuneração de serviços, datada de 25 de Julho de 1373.

Em Maio de 1369 mandou este principe aprestar

(\*) Vide acerca do cargo d'almirante a pag. 7 do 1.º volume.

uma armada de 32 galés, e 30 navios redondos, bem armados, commandada pelo almirante Lancerote Paçanha, a qual fez grandes damnos na costa d'Andaluzia, principalmente em Cadiz, que foi saqueada e quasi destruída.

Ainda no anno de 1381 se aprestou em Lisboa uma armada de 21 galés, 1 galeota, e 4 naus, a qual sahiu deste porto a 11 de Julho, para obstar aos males que poderiam causar ao commercio e povoações marítimas as forças navaes que se preparavam em Sevilha. Tão mal equipada porem ia esta armada, e taes foram os desastres que soffreu, que com a perda della deu fim a marinha portugueza desses tempos.

#### O FAMOSO ADAIL LOPO BARRIGA.

ESTE esforcado cavalleiro militou na Africa com merecido applauso. O seu nome era o terror dos inficis, e com elle amedrontavam as mãs os seus filhos. Achou-se na defesa de muitas praças, e na expugnação de outras, sempre com assignalado valor. Repetia as entradas com tão impetuosas e não esperadas invasões que não deixava aos mouros nem tempo, nem logar livre de sobresalto. Um dia chegou a pregar o seu punhal nas portas de Marrocos — acção, posto que inutil, gloriosa; porem a sua ousadia, bem succedida tantas vezes, de uma o levou ao captiveiro.

Vinham muitos mouros nobres de terras assaz distantes ver este milagre de valor; e acontecendo que um por desprezo lhe pegasse nas barbas, caro pagou o seu arrojo. Lopo Barriga [ainda que carregado de ferros], travando d'um páu que alli se achava, descarregou tamanha pancada na cabeça do insolente mouro, que logo lhe cahiu morto aos pés. Foi por esta causa tão cruelmente açoutado que a camisa lhe ficou moida dos golpes e despedaçada, mandando-a elle neste estado a elrei D. João 3.º, que sem demora procurou e conseguiu resgata-lo. Vindo pouco depois a Lisboa, succedeu perguntar uma vez o mesmo rei a certos fidalgos que lhe assistiam se *Lopo Barriga fóra ferido muitas vezes?* Respondeu um com mais inveja que juizo: — *Senhor, Lopo Barriga é muito mofino, sempre o ferem.* Poucos dias depois, indo elrei ao campo, e correndo n'um cavallo cahiu delle abaixo; e fallando-se á noite na queda, estando presente Lopo Barriga, disse este para elrei: — *Senhor, quem corre cahe, e quem pelega ferem-no.* E feriu com estas palavras não pouco o fidalgo que se achava presente, e que em tom de graça o quizera desluzir; e se honrou e acreditou a si mesmo; porque só quem pelega valoroso e constante recebe feridas, que são a verdadeira prova do valor, e o mais illustre timbre da nobreza. Lopo Barriga voltou outra vez á Africa, continuando a dar mostras de seu esforço. Em 27 de Março de 1515 conquistou a praça de Amagor, situada entre dois rios, e no meio de asperos penhascos, que lhe serviam estes de muralhas, aquelles de fossos. Empreendendo a tomada do castello de Alguel foi perigosamente alanceado por um troço de inimigos, que colhendo-o ás mãos o entregaram a uma escolta de vinte e cinco soldados para que o puzessem em logar seguro; mas o ousado adail lançando-se de improviso sobre um dos mouros o matou, e tomando-lhe a lança se retirou a cavallo, depois de ter incutido em todos os animos terror e desesperação. O estrepito das suas façanhas souo em Africa por largos annos; e de fórma tal, que quando algum mouro praguejava a um seu inimigo lhe dizia sempre: — *Lanças de Lopo Barriga te colham.*



## FABRICO DE PAPEL E PAPELÃO DE MADEIRA.

DESCASQUEM-SE os troncos ou páus, preferindo as madeiras brancas, como choupo, salgueiro, &c., o mais limpamente que for possível. Cortem-se depois estes troncos assim descascados em toros de 6 a 9 palmos, e mandem-se rachar em achas de 2 até 4 pollegadas de grossura, regeitando destas as que tem alguma côr, pois que das mais brancas sahirá o papel mais branco, e as mais se podem empregar para o papelão, ou para papel de côr. Cortem-se as achas em lascas ou cavacos de 1 a 2 pollegadas de grossura, e de 2 para 4 de comprimento, ou ainda menores. Neste partir deve haver a attenção de separar os nós e todas as partes onde a fibra não correr direita. Estes cavacos se deitam em um tanque provido de seu desagudouro bem tapado, e se cobrem de aguada de cal, e assim ficam o tempo necessario, conforme a temperatura — talvez neste paiz de tres até seis semanas para produzir o effeito. Este effeito consiste na dissolução das partes gomosas ou resinosas que ligavam as fibras; e pôde-se julgar produzido quando as lascas vão todas ao fundo. Deixa-se então escoar a agua de cal, e deita-se agua pura que limpe da cal o mais que for possível. Neste estado as fibras facilmente se podem separar á mão; leva-se tudo ao pisão até ficar como a massa de trapos; esta massa pôde servir só, ou combinada com outra, para fazer papel ou papelão. O fabrico pôde fazer-se á mão ou com machinas; quando se quizer o papel branco usar-se-hão ingredientes proprios para este branqueamento.

O inventor deste processo, J. V. Desgrand, tirou patente em Inglaterra em 15 de Maio de 1838.

*A mancenilheira, ou mais um veneno que serve como remedio.* — A pag. 182 do vol. 3.<sup>o</sup> demos noticia da mancenilheira (*hyppomanes mancenilla*), arvore que não só cresce nas Antilhas, Guyanna, Perú e Mexico, mas tambem no Brazil, onde se dá nas margens de varios rios das provincias septentrionaes, denominada abi pelos indigenas *mappoam*, nome que significa *mata-homem*, e que lhe provem da sua propriedade venenosa.

O succo lacteo deste vegetal, aliás mortifero, serve com grande vantagem, como se tem experimentado em hospitaes de París e Londres, para a cura de ulceras cancerosas, extirpando brevemente esta hedionda enfermidade: é muito superior ao arsenico, e aguardam-se ultteriores experiencias para confirmação do seu bom effeito.

O veneno da mancenilha tambem se neutralisa com vinagre administrado promptamente.

## REVACCINAÇÃO.

NÃO foi só a disposição da pluralidade do genero-humano para recusar a acceitação de verdades novas, que obstou ao progresso da vaccina; a infelicidade de algumas experiencias auxiliou as preocupações vulgares contra a efficacia deste preservativo. Com effeito n'alguns paizes sobrevinham as bexigas a alguns individuos vaccinados. Ao principio explicou-se o facto, dizendo que a vaccinação não fôra bem feita: porém os medicos tiveram de confessar a final que das provas repetidas se concluia que não era a vaccina tão absoluta e tão segura por espaço de tempos, como alguns affirmaram. Comtudo ninguem poderia negar que era um grande beneficio este presente feito á humanidade pelo espirito d'observação; porque tinha a

faculdade de modificar o horrivel mal das bexigas, e attenua-lo, quando não conseguia preveni-lo inteiramente.

A estatistica dos hospitaes, e não só destes, mas daquellas cidades onde estes calculos importantes se não desprezam, tinha demonstrado, na serie de muitos annos, que as bexigas que attaccam as pessoas vaccinadas é molestia de pouca dura e isenta de symptomas atterradores. Todavia passados tempos appareciam alguns casos em individuos vaccinados. Alguns teimosos insistiam na efficacia da primeira vaccina; outros mais observadores julgavam que a força deste preservativo diminuia com a idade, e que esta operação, feita na idade de seis mezes até dois annos, perdia o seu effeito quando chegava a epocha da puberdade. Esta opinião, que tem seus gráus de probabilidade, fez com que os medicos tentassem a revaccinação nos adultos, de vinte annos pouco mais ou menos; viu-se que a vaccina pegava como nas creanças de certa idade, e o problema ficou resolvido.

Por esta razão se pratica a revaccinação, ha alguns annos, em Inglaterra, em França, e na Alemanha: e numerosas experiencias comprovaram que esta segunda operação dá tão bom resultado como a primeira, e que é o melhor meio de subtrahir os individuos a uma epidemia *variolica*. São portanto os facultativos obrigados a indagar as vantagens, que deste methodo podem resultar, e a inculca-las com seus conselhos quando as reconhecerem exactas e sem perigo.

Lucio Lucullo, cidadão da antiga Roma, tão fastoso que o seu luxo ficou sendo proverbial, como a opulencia e a golodice de Crasso, mandou edificar um palacio magnifico n'uma herdade, que possuia, insignificante e acanhada. Houve quem, para o motejar, dissesse no senado que *Lucullo tinha mais terra para varrer que para semear*.

Nos fins do seculo 16.<sup>o</sup> havia em Lisboa [segundo a conta que appresenta o livro do P.<sup>o</sup> Fr. Nicolau d'Oliveira] 300 clerigos nas freguezias e collegiadas; nos conventos e mosteiros de religiosos 1:365 frades, e nos conventos de religiosas 1:232 pessoas, entre freiras e creadas. Alem disto só o mosteiro de Odivellas encerrava quasi 600 mulheres contando tambem as serventes.

Não sei que benção particular deixou Deus ligada á instrucção feita com doçura e amor: é um combate irresistivel ainda nos corações mais obstinados e cegos dos seus appetites. — *D. Fr. Caetano Brandão*.

Em obsequios de pouca monta, quem acceita pratica um acto de tanta urbanidade como quem offerece, — *WALTER SCOTT, Quintino*.

Quem gasta menos do que tem é prudente; quem gasta o que tem é christão; quem gasta o que não tem é ladrão. — *D. FRANCISCO MANUEL*.

A intemperança e a ociosidade são os dois maiores inimigos da vida.

A moda é o tormento dos sabios e o idolo dos loucos.

O sentimento do tempo que temos perdido deve excitar o desejo de aproveitar o que nos resta.